



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



Eventos climáticos extremos perpetuam desigualdades

Quanto mais as mulheres são afetadas por eventos climáticos adversos, maior é o nível de desigualdade

Muitos devem se lembrar das imagens que aparecem nos noticiários quando algumas regiões são afetadas por secas prolongadas. Em muitos casos, os homens acabam migrando para as cidades em busca de trabalho, deixando suas famílias na região de origem. As imagens mostram mulheres jovens e idosas rodeadas de crianças, em contextos marcados por grande insegurança alimentar e hídrica. Essas mulheres, as principais cuidadoras desses lares, precisam buscar água e alimentos cada vez mais longe, e contam com menor capacidade de geração de renda.

Todos nós sentimos os impactos ao presenciarmos um evento climático extremo, como ondas de calor ou enchentes, por exemplo. Os efeitos, muitas vezes, são de-

vastadores. A questão é: será que esses efeitos são sentidos da mesma forma por todas as pessoas? Pessoas que vivem em comunidades com pouca ventilação e sem acesso à água potável sentem mais os efeitos das ondas de calor do que aquelas com acesso a aparelhos de ar-condicionado. O que os estudos mostram é que as desigualdades previamente existentes podem ser agravadas pelos efeitos das mudanças climáticas.

Em países onde as mulheres têm menos acesso a ativos ou propriedades, mas cuja economia depende da produção da terra, elas também enfrentam maior dificuldade de acesso ao mercado de crédito. No caso de desastres, terão mais obstáculos para se reerguer e, assim, as desigualdades já existentes tendem a se ampliar. O re-

sultado é um círculo vicioso: quanto mais as mulheres são afetadas por eventos climáticos adversos, maior é o nível de desigualdade.

Diversos estudos mostram que as consequências de eventos climáticos afetam mais as meninas do que os meninos. Um estudo realizado em Uganda revelou que a redução nos níveis de precipitação (seca) tem um impacto negativo significativo sobre a matrícula no ensino fundamental de meninas mais velhas, mas não afeta o desempenho ou a frequência escolar de meninos. Isso sugere que, em períodos de maior escassez de recursos, as famílias priorizam o acesso dos meninos a esses recursos e aumentam a utilização das filhas como mão de obra doméstica complementar.

Em outro estudo, realizado na

China, a autora Nancy Qian constatou que o aumento relativo da participação feminina na renda familiar eleva as taxas de sobrevivência das filhas, enquanto o aumento da renda masculina reduz essas taxas e o nível de escolaridade das meninas.

O estudo "Climate Change and Gender Equality in Developing States", publicado em 2018, investiga se eventos climáticos podem afetar a igualdade de gênero, tanto no aspecto econômico quanto na evolução dos direitos sociais. O autor analisa esses efeitos em países em desenvolvimento, inclusive no Brasil, no período de 1981 a 2010. Os resultados encontrados corroboram outros estudos, ao mostrarem que choques e desastres climáticos impactam negativamente a igualdade de gêne-

ro e estão associados a retrocessos nos direitos econômicos e sociais das mulheres. Esses efeitos são mais intensos em países menos democráticos, com maior dependência da agricultura e com menores níveis de desenvolvimento econômico.

Nesse contexto, os compromissos internacionais assumidos pelos países ganham ainda mais relevância. Em 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou metas de desenvolvimento sustentável a serem cumpridas até 2030, conhecidas como Agenda 2030. Um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o ODS 5, visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Esperamos que, apesar das dificuldades, os países persigam essas metas.



Quem tem conta empresarial
Banrisul agora tem limite turbinado
do cartão Banricompras Empresas.



Missão RS aos EUA

Fernanda Crancio, editora de Economia, de Nova York 
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br



'As pessoas e a qualidade de vida são diferenciais competitivos do RS', diz diretor da CMPC no Brasil

Um dos empresários convidados pela Invest RS a participar do inédito evento RS Day em Nova York, promovido ontem, Antonio Lacerda, diretor-geral de Celulose da CMPC no Brasil, compartilhou ao lado de outros executivos de indústrias gaúchas a experiência de investir e colaborar com o desenvolvimento da economia do Estado. Além de falar da atuação da gigante de celulose, que opera em Guaíba e toca um projeto bilionário de implantação da nova planta em Barra do Ribeiro, ele destacou, em entrevista exclusiva ao **Jornal do Comércio**, os diferenciais competitivos do Rio Grande do Sul e disse que o orgulho de ser gaúcho e a qualidade de vida do Estado são dois dos pontos fundamentais.

Jornal do Comércio - Qual



Nos EUA, Lacerda compartilhou experiência de investir no Estado

a importância de trazer a experiência do empresariado gaúcho para esse público de investidores e executivos norte-americanos?

Antonio Lacerda - O RS Day, na sua primeira edição aqui em

Nova York, reuniu 100 pessoas aproximadamente para que a gente pudesse discutir o que o Rio Grande do Sul tem de competitividade, o que o Rio Grande do Sul tem a oferecer para atrair investimentos para as indústrias, para as empresas e para o Brasil no final das contas. E um dos principais elementos que traz o Rio Grande do Sul são justamente as pessoas. É a infraestrutura, mas principalmente as pessoas. O sentimento de orgulho dos gaúchos, que o Rio Grande do Sul tem em relação ao seu Estado, isso se traduz em toda a sua relação, com as empresas e com o trabalho.

JC - Esse seria um grande diferencial a ser considerado para o novo investidor no Estado?

Lacerda - Isso para nós é um

grande diferencial competitivo para o Rio Grande do Sul, comparado com outros estados. Esse seria o principal. O que o Rio Grande do Sul tem de maior destaque em relação a outros estados? Além de atração de talentos, o Rio Grande do Sul traz um componente importante, que é a qualidade de vida, além de ter excelentes profissionais.

JC - O senhor diria que a qualidade de vida é fator preponderante a ser considerado para quem quiser fazer negócios com os gaúchos?

Lacerda - Isso ajuda muitas empresas para que elas possam reter os seus colaboradores, desenvolver as pessoas e fazer com que isso seja uma espiral positiva de progresso.

Leite destaca reconstrução do Estado

Participante do painel "As Relações econômicas entre Brasil e os EUA" no evento Lide Brazil Investment Forum, realizado, ontem, no Harvard Club, em Nova York, ao lado de outros seis governadores - Eduardo Leite fugiu do tema central do debate e fez uma breve exposição sobre o cenário atual do Rio Grande do Sul.

"Há um ano, nessa mesma semana do Brasil, eu deveria estar aqui, mas infelizmente não pude estar porque vivíamos no Rio Grande do Sul o maior desastre já ocorrido em um estado brasileiro em termos de impacto econômico, número de cidades e de vidas impactadas. Quero agradecer toda a mobilização que houve em favor do Rio Grande do Sul", disse.